

E'co da Revolução

Voz da Mulher Paulista

Mulher paulista!

Nos dias tenebrosos de tres mezes de guerra, entre brasileiros, diversas foram as vozes que, dizendo-se da "mulher paulista", ecoaram incitando a mobilização geral, ao cumprimento do "dever" cívico e patriótico...

Em nome da mulher paulista, falaram as senhoras catolicas, as senhoras evangélicas, as senhoras espiritas e espiritualistas, professoras e damas do escôl social. Todas no mesmo diapasão.

A mulher operaria e as mães dos soldados anônimos, não puderam falar em nome da *Mulher Paulista*.

Mulher paulista!

Por ventura se restringe, a mulher paulista, às categorias acima mencionadas, e as operarias, as mulheres das classes dos humildes, serão excluídas do direito de nacionalidade?

Eu sou paulista, de origem e de nascimento. Meu avô paterno chamava-se Joaquim Ferreira da Silva e prestou serviço militar na campanha do Paraguay. Com essas credenciaes eu devia ter podido, também, falar, aqui em São Paulo, nos trez mezes que nos pareceram trez séculos de angustia, de amor e piedade pelas vítimas do ardor guerreiro, eu devia ter podido bradar a dôr e a indignação geral entre as mulheres de minha classe: da classe pobre. Da classe dos que tudo produzem e nada possuem.

Mulher paulista!

Na classe dos de lá de cima, assim como na classe cá de baixo, existem mulheres de varios aspetos intelectuais. Existem as de cerebro completamente nulo que só se ocupam de cinemas, bailes e festas mundanas e existem as que se dão ao cuidado de outros assuntos. Por exemplo, nós vimos as que tão dedicadamente se preocuparam com os serviços da guerra, entregando-se á confecção de costura e á feitura de discursos inflamados pelo radio e pela imprensa, num esforço de heroínas, promovendo a campanha cívica, para que os homens não se furtassem ao sacrificio.

Mas as Valquírias denodadas, que pela imprensa e pelo radio, imprimiam valor ao verbo, atormentando-nos, noites e dias, por longas horas ao microfone, num suplicio inquisitorial, não eram mães e não eram esposas, com certeza...

Entre as mulheres da minha classe também existem as mulheres frívolas que de tudo tiram proveito para se divertirem e vão á missa aos domingos. Mas mesmo assim durante a guerra fraticida essas mulheres se mantiveram respeitadas ante a amargura geral de três mezes de dôr e apreensão.

E dentre elas, dentre as mulheres proletarias, que não podiam se manifestar falando com o coração, pelo radio e pela imprensa, em nome da mulher paulista, surgiram as mulheres uteis, as que pensam nas cousas graves, para gaudío da humanidade — que tem nas suas humildes criaturas a sua gloria, a sua honra, a sua esperança — e verificou-se muita dedicação pela sorte das vítimas cegas da industria da guerra.

Nos trevosos dias dos me-

zes de Julho, Agosto e Setembro, enquanto as almas simples, crentes das varias relegiões impostoras, se reuniam nos templos, em orações pró-paz, as mulheres do povo trabalhador, evoluídas para as idéas avançadas, livres dos tolos e enganosos preconceitos religiosos, sem se poderem manifestar francamente, agiram, no entanto, com mais eficiencia do que as rogadoras — que ao mesmo tempo que recomendavam as orações excitavam o odio regional — fazendo circular uma exortação á bondade e ao pacifismo que safu da pena generosa do grande escritor russo, já falecido, conde Leão Tolstoi.

De uma dessas valorosas mentalidades femininas, da classe obreira, recebi uma copia dessa exortação com a recomendação:

Distribua, largamente, entre o elemento masculino a presente exortação de Tolstoi, afim de que as vibrações de suas palavras atuem anulando, quanto possivel, as vibrações opostas de odio e maldade, que levou os que dispõem de nossa sorte e de nossa vontade, nesta hora nígerrima da tragedia brasileira, a mobilisar as crianças na parada do odio entre irmãos. Que as palavras de Leão Tolstoi, repetidas agora por nós, os que pensamos e sofremos, sejam o exorcismo que esconjure a calamidade que caiu sobre o Brasil.

E ao contemplarmos coagidos e forçados o triste espectáculo da parada infantil, neste dia que lembra os mártires da "independencia" (7 de Setembro) repitamos fervorosamente esta frase sublime de Julia Lopes de Almeida, escritora brasileira:

«Louvar diante das crianças façanhas de guerra é dar-lhes a saborear pastilhas venenosas. Antes da mestra, já a mãe deve embalar o berço do seu filho com as cantigas em que se exalçam só ações de bondade e de justiça. Precisamos acalmar o coração do mundo. Basta de odio!»

Em proximo artigo enviarei a reprodução da exortação de Leão Tolstoi — "Aos Soldados" — que me foi enviada, á guisa de oração, nos dolorosos dias da contrarrevolução, por uma operaria, pensadora e paulista.

Isabel Ferreira Bertolucci
São Paulo, 24 de Novembro de 1932.

*** Contou um ex-inspector escolar que, achando-se numa das cidades de sua circunscrição teve a idéa de fundar uma associação que estimulasse a frequência escolar, promovesse a criação de novas escolas e despertasse nas classes populares o conhecimento dos deveres cívicos. Para isto, procurou o chefe do governo municipal, a quem expôs o seu plano. Com grande espanto seu, esse chefe politico manifestou-se contrario, dizendo-lhe: «Não penso nisso. No dia em que essa gente estiver instruída não votará em nós. Estaremos perdidos!»

Esse «capitão-mór» acabou sendo senador federal.

Pecados...

(Inédito para "A PLEBE")

Eu era nada. Um dia, transformado, alguma coisa vim a ser, perdida...
Se a pecar eu nasci predestinado a culpa vêm do autor de tal medida!

Só Ele concertou o predicado que se resume em mim ou consolida; não fui siquer ouvido ou convidado visto o não-Ser que eu era antes da vida!

Querem agora mistificadores que estão como eu estou, na ignorancia, ditar das leis divinas seus furores...

Para mim nada vale essa jactancia...
Que culpa eu tive de nascer, senhores?
Por que pedir de Deus a tolerancia?

ADALBERTO VIANA.

Raios de Luz

Se estudarmos as sociedades humanas, através dos tempos, verificamos a tendencia que tem inspirado aos povos o seu aperfeiçoamento em todos os ramos do saber, em cujo caminhar o homem vai á procura do maximo de bem-estar e de justiça.

Até ao presente o homem tem-se debatido dentro de um círculo estreito, motivado pelos grilhões que o acorrentam, lutando incessantemente pela sua emancipação. Entre estes, destacaram-se os de inspiração creadora, os quaes afrontando a todas as tiranias, emanadas do Estado, das religiões e do capitalismo, não entregaram a sua dignidade em troca de um punhado de ouro, que sempre é alcançado em prejuizo das maiorias.

O desenvolvimento nas artes e nas ciencias tem sido muito lento através os seculos.

A sua causa reside na entronização da mediocridade, que, ou teve temor de enveredar por reto caminhar ou rendeu-se ante o fulgor do ouro, em torno de cujo brilho se movimenta o mundo inconsciente á procura da felicidade, que aquelle nos veda. Fazem desta fórma o triste papel de estacas que garantem esta sociedade fundamentada em mentiras convencionaes e cujos crimes são bem patentés.

Recorrendo as estatísticas ficaremos pasmados ante o grande numero de analfabetos, dos que apenas sabem ler e escrever e pensam com a cabeça dos obtusos civilizados, e cuja escola constitue a força desta civilização, que portanto, se nega. E', apenas, um jogo de interesse, em que a ignorancia desempenha o papel de obstruir o caminho da emancipação.

Nem tudo esta perdido, porém, pois existe uma minoria de individuos que tem uma concepção nítida da vida. São, astros repiandentes que irradiam sua luz e indicam a rota a seguir para as nossas civilizações. Se não fossem estes, qual não seria o nosso fim: o desvanecimento duma civilização.

E' preciso que nos convençamos na necessidade de acabar com o obscurantismo, tator principal de regenerescença e ao qual o estado nos sugere com as suas mil e quinhentas religiões que se veneram na terra, derivadas de cinco ou seis, as quaes surgiram de um incompreensível: o absoluto.

Torna-se necessario transformar esta sociedade mal organizada por outra, na qual a arte e a ciencia possam desenvolver-se com liberdade, conseguindo assim a felicidade a que todos temos direito.

O que entendemos por arte?
Por arte se entende, o que é fiel reflexo da natureza e das relações humanas, e que responde a tudo o que é belo e justo.

Genial é o artista que não se submete a outra lei que não seja da

natureza, revoltando-se contra todas as instituições opostas ao desenvolvimento normal da humanidade.

O homem livre ou anarquista é aquele que está diretamente ligado ás manifestações da arte e das ciencias e aos progressos das sociedades humanas.

As obras de maior elevação moral e social devem-se a estes. Acompanhando-as nos seus estudos, nos convencemos de que é preciso, destruir o mal pela raiz para instituir o bem-estar sobre bases sólidas, a fim de que o homem seja livre sobre a terra livre.

Deixemos os pusilâmines, os vendidos da vida e lutemos pelo porvir.

ANGELO LASHERAS

Para a guerra havia ouro.

Para os hospitais, não...

Noticias de Santos, ha dias publicadas nos jornais paulistas, noticiavam que a provedoria daquela casa de caridade se via forçada a suspender a entrada de doentes e o fornecimento de socorros aos enfermos e indigentes, visto a escacéz de seus meios e a deminuição de esmolos dos bemfeitores.

E isto é de estarrecer. Esta concessão publica de falta de meios para socorrer os desprotegidos, neste momento, após a "campanha do ouro" que empolgou tanta gente em Santos e alhures e os levou a desfazer-se dos seus caros e recordatívos objetos do precioso metal para incentivar a matança de irmãos, para instigar, estimular e multiplicar os meios e os instrumentos de morte mais certa, mais segura e mais rapida dos brasileiros de outras regiões, gente toda da mesma raça, lingua, religião, e tradições e interesses, é a cousa mais extranha e paradoxal que se possa conceber.

Para a obra de guerra e morte desfazem-se de joias, do ouro, dos diamantes, da platina, do dinheiro, das recordações mais queridas ao coração e á familia. sem hesitação e sem demora!...

Para socorrer uma instituição secular de beneficência e de hospitalização, mostram-se unhas de fome, fecham os cordões á bolsa, e o coração á benevolencia, os ouvidos aos apêlos.

Mas não desanimem. Apelem em última instancia para o Arcebispo, para a Curia Metropolitana. Para o sacrificio de irmãos, estas entidades deram quasi 20 kilos de ouro.

PARA REGULARISAR OS TRABALHOS INDISPENSÁVEIS A BOA ADMINISTRAÇÃO DO NOSSO JORNAL E PARA NECESSARIO EQUILIBRIO DE SUAS FINANÇAS, A «A PLEBE» SO' CIRCULARÁ NO DIA 17 DO CORRENTE, Á ESPERA QUE NOS CHEGUEM DE TOPOS OS LADOS OS AUXÍLIOS PROMETIDOS, PARA ASSIM CONTINUARMOS A SUA PUBLICAÇÃO SEMANAL

Quem sabe se ainda por lá ficou mais algum esquecido, que possa ser agora aproveitado em socorrer muitas vítimas que a propria guerra produziu?

Como seria bom que estas pretensas alminhas cristãs fossem mais coerentes ajustando os átos ás palavras!

Tanta liberdade para a obra do mal, para a destruição, para a morte, e tanta indeferença para a prática do bem, para auxiliar o desamparado, para levantar o caído, para consolar o desanimado!...

Mas é por isso mesmo, por essa conduta contraditoria e escandalosa, que o pessimismo invade os homens e os faz descrever de todas as afirmativas de caridade e de humanidade com que costumam ornar-se as classes exploradoras.

Sim, a desigualdade é tamanha, as fortunas estão tão mal repartidas, as necessidades são tantas e os sofrimentos tão infinitos, que só a remodelação social, a transformação da sociedade, com o desaparecimento de pobres e ricos, tornando tudo de todos e a coletividade toda trabalhando e produzindo, dará remedio e paradeiro a esta série de necessidades insatisfeitas e de sofrimentos inconsolaveis.

SOBRE A TOLERANCIA

... Entre os libertarios, ha revolucionarios que acreditam que é preciso, pela força, abater a força mantenedora da ordem atual para criar um ambiente no qual seja possivel a livre evolução dos individuos e das coletividades, — e ha educacionistas que pensam que não se pode chegar á transformação social senão transformando primeiro os individuos por meio da educação e da propaganda. Ha partidarios da não-resistencia ou da resistencia passiva que se recusam a usar da violencia, mesmo quando servisse para repelir a violencia; ha os que admitem a necessidade da violencia e são subdivididos, por sua vez, quanto á natureza, á extensão e aos limites da violencia licita. Ha divergencias, entre anarquistas, concernentes á sua attitude em relação ao movimento sindical; divergencias quanto a organização ou não-organização no seio do anarquismo; divergencias permanentes ou ocasionaes relativamente ás relações entre os anarquistas e os outros partidos subversivos.

E' sobre questões desse genero ou de outros que é preciso procurar-nos entender; ou si, como parece, é impossivel o entendimento, é preciso saber tolerar-se: trabalhar de acordo quando se está de acordo; senão, deixar cada um fazer como melhor entende, sem que se lhe oponha obstaculo.

Porque, considerando bem, ninguém pôde estar absolutamente certo de ter razão, e não ha ninguém que tenha sempre razão.

Errico Malatesta
(Pensiero e Volontá, 8 de abril de 1926.)